

Pensamentos no Campo de Batalha

Fala o Cmt. da Cia.: Si eu pudesse instruir minha
Cia. outra vez

Pelo Cap. CLARENCE A. HECKETHORN
(Tradução, Major BARBOSA PINTO)

Um homem, no combate, pensa em muitas cousas, mas o pensamento que mais frequentemente me ocorria, era como eu instruiria minha Cia., si me fosse possível fazê-lo novamente.

Prepararia meus homens física e mentalmente. Sob o fôgo, o soldado faz a maior parte daquilo que ele fez na instrução e muito pouco do que apenas lhe disseram como fazer. — Por esta razão, eu empregaria na instrução, quasi que exclusivamente o metodo de aplicação.

Tenho visto infantes abandonarem seus abrigos e fugirem diante de um ataque de forças moto-mecanizadas. Com isto só conseguem ser feridos ou esmagados por êsses veículos. A aqueles homens havia sido dito um abrigo profundo era a sua melhor proteção contra aqueles engenhos, mas diante do barulho ensurdecedor e à vista dos carros de combate, aqueles homens agiram mecanicamente e não mentalmente. Si os carros de combate, durante os periodos de instrução, tivessem passado sôbre êles protegidos pelos abrigos individuais, como eu soube que se está fazendo hoje em dia, aqueles homens teriam tido confiança em seus abrigos e permaneceriam neles, até que os carros de combate se afastassem.

Sabendo o que sei agora, eu não diria aos meus soldados que eles deveriam cavar seus abrigos e trincheiras *quando êles encontrassem em combate*. Faria com que êles os cavassem du-

rante qualquer exercício e não me limitaria a que sómente marcassem o lugar em que os teriam de cavar, no caso real.

Não me satisfaria em alertá-los contra as minas terrestres e armadilhas explosivas, mas faria exercícios empregando armadilhas e minas com cargas reduzidas.

Não lhes diria que um ferido deve tomar dois tablets de sulfanilamida de cinco em cinco minutos. Faria com que todos os homens, durante os exercícios, fossem supostos feridos e que eles realmente tomassem tablets de sulfanilamida simulados (pastilhas de goma, bolos de pão, amendoim).

Minha Cia. também haveria de atirar tanto quanto ás dotações de munição o permitissem e haveria de fazê-lo nas distancias reais de combate.

Faria tantos exercícios de G. C., Pel. e Cia. quantos possíveis. E sempre que praticavel, executaria manobras de pequenas unidades, com outras unidades e contra outras unidades e serviços. Eu constatei que a infantaria deve conhecer todas as possibilidades da artilharia; os Cmts. de carros de combate as possibilidades da Engenharia e dos tanques destróers; as forças aéreas as possibilidades das forças terrestres. Durante êstes exercícios faria com que todos os homens até o último soldado, conhecessem a situação e a parte que lhes competia no cumprimento da missão. A partir daí, eu despertaria a sua iniciativa, mudando ordens, estabelecendo a confusão e provocando ataques inesperados, pois é isto que sucede frequentemente no combate. O primeiro homem que perguntasse "porque?" em vez de decidir "como" deveria cumprir a missão, seria punido. Não se trata de indagar "porque?" mas de "fazer ou morrer" e fazer rapidamente. Esta é a maior fraqueza de um exército composto de elementos que eram civís, pouco tempo antes: os homens perguntam "porque", mesmo no campo de batalha.

Eu me devotaria quasi exclusivamente à instrução tática, no terreno, enquanto as secções teóricas, em sala, seriam reduzidas ao mínimo.

Não se deve dispendir demasiado tempo nas informações de combate, com requintes nos reconhecimentos e leitura de cartas. Tôdos os assuntos são de importancia vital.

As condições de ordem material, do combate, seriam exercitadas através de situações táticas que incluíssem incursões aéreas, ataques noturnos, de flanco e por agentes quimicos.

As faltas à instrução seriam reduzidas ao minimo. — Lembro-me, muito bem, de um incidente em combate, quando dei a um dos meus soldados uma missão em que deveria empregar a “bazooka”. Ouvi dele o seguinte: “Mas, eu não sei como empregá-la. Eu estava preparando o terreno para a parada, no dia em que a Cia. foi para o estande”.

Diversas vezes tenho lastimado as muitas horas de instrução perdidas, fosse devido ao máu tempo ou porque uma alteração de última hora tornasse impossivel utilizar as viaturas da Cia., como havia sido previsto. O resultado era, geralmente, um tempo malbaratado, dedicado aos cuidados e limpeza do equipamento, á instrução teórica sobre os primeiros socorros, dos regulamentos de continências e disciplinar, assuntos já bastante explorados e bem explicados em tantas outras ocasiões. Hoje sei que eu teria pronta uma serie de trabalhos cuidadosamente preparados, sobre leitura de cartas, informações de combate, identificação de aviões, desmontagem, remontagem e funcionamento de nossas principais armas, assuntos da maior importância em sala.

Um programa de instrução deste tipo, demandaria um trabalho de um grupo de oficiais subalternos enérgicos, mas infelizmente muitos dos nossos comandantes de pelotões, resentem-se de espirito de iniciativa. Eles não se prepararam para o imprevisto.

A frequencia de soldados aos prostíbulos e as doenças venereas resultantes, como que dizimavam a minha Cia., durante o período de instrução.

Eu e meus oficiais faziamos preleções sobre higiene sexual e aplicavamos as sanções do regulamento disciplinar, — mas os homens ainda gastavam seu tempo nos lupanares e no-

Não se deve dispendir demasiado tempo nas informações de combate, com requintes nos reconhecimentos e leitura de cartas. Tôdos os assuntos são de importancia vital.

As condições de ordem material, do combate, seriam exercitadas através de situações táticas que incluíssem incursões aéreas, ataques noturnos, de flanco e por agentes quimicos.

As faltas à instrução seriam reduzidas ao minimo. — Lembro-me, muito bem, de um incidente em combate, quando dei a um dos meus soldados uma missão em que deveria empregar a "bazooka". Ouvi dele o seguinte: "Mas, eu não sei como empregá-la. Eu estava preparando o terreno para a parada, no dia em que a Cia. foi para o estande".

Diversas vezes tenho lastimado as muitas horas de instrução perdidas, fosse devido ao máu tempo ou porque uma alteração de última hora tornasse impossivel utilizar as viaturas da Cia., como havia sido previsto. O resultado era, geralmente, um tempo malbaratado, dedicado aos cuidados e limpeza do equipamento, á instrução teórica sobre os primeiros socorros, dos regulamentos de continências e disciplinar, assuntos já bastante explorados e bem explicados em tantas outras ocasiões. Hoje sei que eu teria pronta uma serie de trabalhos cuidadosamente preparados, sobre leitura de cartas, informações de combate, identificação de aviões, desmontagem, remontagem e funcionamento de nossas principais armas, assuntos da maior importância em sala.

Um programa de instrução deste tipo, demandaria um trabalho de um grupo de oficiais subalternos enérgicos, mas infelizmente muitos dos nossos comandantes de pelotões, resentem-se de espirito de iniciativa. Eles não se prepararam para o imprevisto.

A frequencia de soldados aos prostíbulos e as doenças venereas resultantes, como que dizimavam a minha Cia., durante o período de instrução.

Eu e meus oficiais faziamos preleções sobre higiene sexual e aplicavamos as sanções do regulamento disciplinar, — nas os homens ainda gastavam seu tempo nos lupanares e no-

vos casos de blenorragia e sífilis se manifestavam. Intensifiquei então o treinamento físico dos homens e aumentei as suas horas de trabalho; fizemos longas marchas, instrução noturna, exercícios de baionetas, em pistas de obstáculos. A mudança foi notável: os soldados resmungavam, mas gostavam. Após uma dura jornada, eles não tinham animo para ir á cidade, nem para se deitarem e para se deixarem pensar nos pagos. As revistas picantes não os interessavam mais. Já não mais tomavam cerveja e visitavam casas suspeitas. Estavam tão fatigados que só lhes apetecia irem deitar-se e dormir.

Oficiais dos serviços especiais e varias organizações civis estão fazendo muito pelo moral das nossas tropas, mas o moral de um soldado no campo de batalha é o reflexo da sua confiança em si mesmo, nos seus superiores, no seu armamento. E esta confiança somente pôde ser adquirida através da instrução.

Alguns dos nossos homens não estão em boas condições físicas; outros não cavam as suas trincheiras, a não ser que lhes diga para o fazerem o que já tenham sido surpreendidos pelos Stukas, completamente desabrigados; outros mais — não aprofundam convenientemente os seus abrigos nem disfarçam suas viaturas, a menos que se lhes dê ordens para tal. Queixam-se do serviço de guarda e querem descansos repetidos. Quando a prova final de resistência é realizada, não a suportam. É o Cmt. da Cia. através de uma cuidadosa instrução preparatória, que deve vencer estas deficiencias.

Nossas tropas não estão preparadas psicologicamente. Não se lhes ensinou a odiar os alemães, os italianos e os japonezes. Elas não sentem uma forte necessidade de matar. Muitos dos homens parecem lembrar-se demasiado do que lhes ensinaram nas escolas, ha muito tempo: “que a guerra jamais resolveu cousa alguma... que é errado matar... que o alemão é um bom camarada... que os italianos não querem combater e render-se-ão... que o colapso alemão virá de dentro da “propria Alemanha...”

Eles acabam por compreender que tudo isto é falso, porém, quando já é tarde de mais, para muitos. Contaram-lhes,

certa vez, que “a guerra era um inferno e que eles iam empenhar-se na maior de todas as guerras da história. Não lhes ensinaram, no entanto, à significação do velho adágio de Shakespeare: “Não ha nada bom ou máu; são os nossos pensamentos que fazem as cousas boas ou más”.

Não lhes disseram que si a guerra é conduzida de accordo com as velhas doutrinas da estratégia e com os princípios táticos, si os nossos homens cumprem as suas missões como devem e si as nossas armas são empregadas convenientemente, então a guerra póde ser encarada como um gigantesco trabalho de cooperação, que é o cumprimento da missão imposta a cada um.

Quando as tropas, no entanto, entram em combate sem ver as cousas como realmente são, a guerra é certamente o que Sherman disse o que ela era.

Para ter saude e alegria

Procuremos obedecer aos preceitos de higiene, para ter saude e alegria. Os livros de higiene devem ser leitura obrigatória, não só na escola como nos lares. Muitos deles são escritos de tal forma que os lemos com imenso prazer e, sobretudo, com grande aproveitamento.

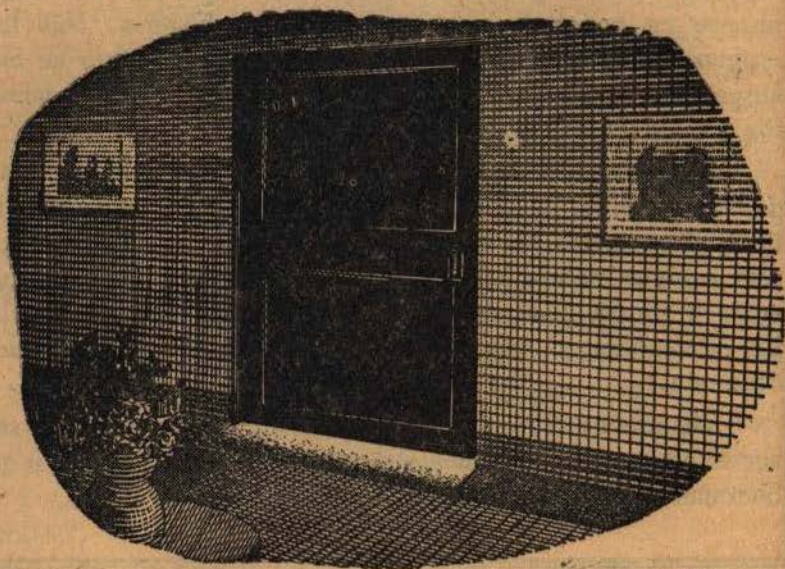
Seguindo-se os preceitos de higiene desaparecerão as causas mais frequentes de fraqueza e de desanimo que escravizam tantas vítimas nas cidades e nos campos.

A higiene ensina não só a defesa contra as doenças, como também as medidas para manter o físico e o psiquico em perfeita forma. Nos tempos que correm há muita gente nervosa porque não sabe se alimentar convenientemente e porque não dorme nas horas de descanso.

Existem muitas pessoas “nervosas”, desanimadas, irritáveis, neurastênicas, só porque não sabem dividir bem o dia.

Para combater o desanimo, a irritação, a neurastenia, nada mais facil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplendido Tonosfosfan da Casa Bayer, obedecendo as demais regras estatuidas pela higiene.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofostan ficaram admiradas do bem-estar que sentiram apenas com as duas primeiras injeções desse precioso medicamento — absolutamente indolor e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.



...Aquela LUZ por baixo da porta.

N^o silêncio da noite... enquanto em casa todos dormem... um homem trabalha ou estuda no seu gabinete particular. A luz que se escôa por baixo da sua porta é sinal de que êle dedica parte do seu tempo livre ao estudo ou atividades que representem maior soma de conforto e bem-estar para sua família. Somente a boa iluminação torna possível a perfeita rea-

lização dessas tarefas fora do expediente diário... porque além de proteger a saúde e a vista, repousa os nervos, torna a mente lúcida e transforma em agradável passatempo a leitura dos mais árduos textos... Faça também do seu lar — pela adequada distribuição da LUZ — um motivo permanente de conforto, alegria e a base sólida do seu progresso na profissão a que se dedica.

Companhia de
Carris, Luz e Força
do Rio de Janeiro Ltda.

